



OS VELHOS CAMINHOS DA SOLIDÃO DA MULHER NEGRA

Eliaidina Wagner Oliveira da Silva¹

*Secretária Adjunta da CAAES - Caixa de Assistência dos Advogados da OAB-ES
(Diretoria do Triênio 2022-2024), EMESCAN, Vitória, ES, Brasil.*

Alba Janes Santos Lima²

*Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Espírito Santo, Coordenação
do Curso Integrado ao Ensino Médio em Logística, Viana, ES, Brasil*

Karina de Oliveira Lima³

*Assessora de Estatística de Fluxos Escolares do Município da Serra/ES, Instituto
Superior de Educação de Afonso Cláudio, ES, Brasil*

Bárbara Sten⁴

Estudante de Enfermagem na UNISALES, Vitória, ES, Brasil

Resumo: O estudo vai apresentar a ditadura da beleza como opressora do universo feminino. Porém, nas mulheres pardas, o imaginário popular de hiper-sexualização atua na mesma dinâmica com que se estigmatiza as mulheres pretas mais retinta como feia e serviçal. O estigma leva mulheres negras a um celibato afetivo. As vozes que identificam os impactos do racismo nas afetividades negras, neste artigo, possuem lugar de fala como corpos políticos, estigmatizados por multifacetárias marcações negativas. A mulher negra é a portadora do discurso mais legítimo para a compreensão das lutas sob o enforque da interseccionalidade. A análise descritiva dessa pesquisa bibliográfica apresenta que a construção das bases sociais e políticas para as lutas negras e feministas perpassam o enfrentamento das marginalizações que têm de ser sincronizadas contra os privilégios do patriarcado e da branquura.

¹ Advogada com Formação Pedagógica em História, Mestra em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local, pós-graduada em Direito Público, Direito Civil, Direito Tributário, Diversidade Étnico-Racial e Antropologia. Pós-graduando em Direito Constitucional. E-mail eliainawagner@gmail.com ; ORCID <https://orcid.org/0000-0003-3187-9882>

² Professora do IFES, Doutoranda em Música, linha de pesquisa: Ensino e Aprendizagem em Música - UNIRIO (2018); Mestre em Música, linha de pesquisa: Música, Saúde e Educação - UFRJ (2012). albajanes@hotmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3421-8027>

³ Professora com Formação em Pedagogia e Letras: Português e Inglês, pós-graduação em Gestão Escolar, Inspeção e Supervisão. Assessora da Gerência de Estatística, Assessoria e Fluxos -GEAF Sedu Serra ES. E-mail karinadeoliveiralima@gmail.com ; ORCID <https://orcid.org/0000-0002-4448-6386>

⁴ Acadêmica de Enfermagem pela UNISALES – Centro Universitário Salesiano. E-mail barbarasten24@gmail.com ; ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2525-028X>

Palavras-Chave: Solidão; Negra; Mulata; Racismo; Sexismo.

THE OLD PATHS IN THE SOLITUDE OF THE BLACK WOMAN

Abstract: The study will present the dictatorship of beauty as oppressive to the female universe. However, in brown women, the popular imaginary of hyper-sexualization acts in the same dynamic with which it stigmatizes the more retinta black women as ugly and servile. Stigma drives black women into affective celibacy. The voices that identify the impacts of racism on black affectivities, in this article, have a place of speech as political bodies, stigmatized by multifaceted negative markings. Black women are the bearers of the most legitimate discourse for the understanding of struggles under the umbrella of intersectionality. The descriptive analysis of this bibliographical research presents that the construction of the social and political bases for black and feminist struggles go through the confrontation of marginalizations that have to be synchronized against privileges in patriarchy and whiteness..

Keywords: Solitude; Black; mulatto; Racism; Sexism.

LOS VIEJOS CAMINOS EN LA SOLEDAD DE LA MUJER NEGRA

Resumen: El estudio presentará la dictadura de la belleza como opresora del universo femenino. Sin embargo, en las mujeres morenas, el imaginario popular de la hipersexualización actúa sobre la misma dinámica con la que estigmatiza a las mujeres negras más retintas como feas y serviles. El estigma lleva a las mujeres negras al celibato afectivo. Las voces que identifican los impactos del racismo en las afectividades negras, en este artículo, tienen un lugar de habla como cuerpos políticos, estigmatizados por marcas negativas multifacéticas. La mujer negra es la portadora del discurso más legítimo para la comprensión de las luchas bajo la vigencia de la interseccionalidad. El análisis descriptivo de esta investigación bibliográfica muestra que la construcción de las bases sociales y políticas de las luchas negras y feministas pasa por la confrontación de las marginaciones debe ser sincronizada contra los privilegios en el patriarcado y la blancura.

Palabras-clave: Soledad; Negro; Mulato; Racismo; Sexismo.

LES ANCIENNES SENTIERS DANS LA SOLITUDE DE LA FEMME NOIRE

Résumé: L'étude présentera la dictature de la beauté comme oppressive pour l'univers féminin. Cependant, chez les femmes brunes, l'imaginaire populaire de l'hypersexualisation agit dans la même dynamique que celle avec laquelle il stigmatise les femmes noires, plus rectrices, comme laides et serviles. La stigmatisation pousse les femmes noires au célibat affectif. Les voix qui identifient les impacts du racisme sur les affectivités noires, dans cet article, ont un lieu de parole en tant que corps politiques, stigmatisés par des marquages négatifs multiformes. La femme noire est porteuse du discours le plus légitime pour la compréhension des luttes sous l'empire de l'intersectionnalité. L'analyse descriptive de cette recherche bibliographique montre que la construction des bases sociales et politiques des luttes noires et féministes passe par la confrontation des marginalisations qu'il faut synchronisée avec les privilèges du patriarcat et de la blancheur.

INTRODUÇÃO

[...] Havia conselhos que sugeriam a proximidade entre sujeira, doença e pele escura. Pior ainda, havia quem empregasse a expressão “pele encardida”. Uma parte da propaganda reforçava o preconceito de que a mestiçagem era a causa de um trio supostamente inseparável: atraso cultural, indolência e sujeira. (SANT’ANA, 2014, p. 71).

Vinícius de Moraes sentenciou que a beleza é fundamental. Esta sentença pesa na construção das afetividades de muitas mulheres negras quando anseiam encontrar um parceiro afetivo e ter um relacionamento estável. A boa aparência produzida pela mídia é branca. E a idealização de branqueamento abre portas e delimita espaços. Dentro desse padrão branco, ser negra retinta significa ser feia.

Já as mulheres pardas sofrem o estigma da mulata hiper-sexualizada a níveis de animalização que também as distanciam da estabilidade afetiva dentro dos padrões do patriarcado sexista. Trata-se de uma hierarquização nas tonalidades de pele, vinda do legado escravista, que marca negras como a preta doméstica e serviçal e a mulata como objeto dos desejos mundanos. Ambas sem espaço para afeto. Isso reflete no modo como essas vidas amorosas são vivenciadas por linhas de cores e de gêneros inferiorizadas na escala afetiva.

A partir de uma pesquisa no Banco de Teses da CAPES (2008) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (2008) tendo como as palavras-chave: “Negra Solidão”, o estudo objetivou delinear a questão da solidão afetiva da mulher negra marcada, principalmente, pela escravização e patriarcado sexista. Para tanto, dialoga-se com as pesquisas de doutorado (Ciências Sociais) de Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008) e de mestrado (Ciências Sociais) de Claudete Alves da Silva Souza (2008) que foram o ponto de partida para esta reflexão. Outras autoras apresentam, debatem e respaldam questões sobre a temática, são elas: Lorde, 1997; Lorraine, 2017; Wolf, 2018; Ribeiro, 2018; Sant’ana, 2018; hooks, 2019.

O artigo apresenta o contexto colonizador e a forma como se desenvolveram a relação de vassalagem dos homens negros em suas preferências por mulheres brancas. A assimilação da inferiorização racial e o sentimento de redenção social no embranquecimento evidencia o preterimento das mulheres negras abandonadas em termos afetivos. A seguir, dialoga com: a construção social das negras e seus reflexos na



solidão; o preterimento da negra pelo homem de sua etnia; a política opressora do embranquecimento.

Os movimentos negros e feministas apresentam-se como uma chave na construção de novos paradigmas a partir da conscientização quanto às interseccionalidades das opressões, cujo ponto de partida é a discussão dos impactos nocivos dos discursos fragmentados. As falas denunciam as relações inter-raciais em que mulheres negras são preteridas na preferência dos homens negros e brancos, por companheiras brancas. O não-lugar da temática nas editoras justificam que se faça uso de meios menos convencionais como blogs e redes sociais para se extrair neste estudo, reflexões quanto aos demais grupos estigmatizados, cujo recorte aqui é destacado pelo gênero e raça.

DESENVOLVIMENTO

É uma perda de tempo odiar um espelho ou seu reflexo em vez de interromper a mão que constrói o vidro de distorções discretas o suficiente para passarem despercebidas até que um dia você examina seu rosto sob uma luz alva impiedosa e o defeito em um espelho te atinge se tornando o que você acredita ser o formato da sua falha [...]. (LORDE, 1997, documento online).

Wolf (2018) diz que embora a beleza não seja universal nem imutável, pode ser relacionada como um valor monetário equitativo ao padrão-ouro. Como estratégia política, a estética feminina “consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino” (WOLF, 2018, p. 26), porque incorpora uma competição antinatural das mulheres. Essa ditadura da beleza mutila o curso das vidas femininas com perspectivas em torno das exigências masculinas. Nesse contexto, segundo a autora, a questão do gênero prevalece e as mulheres regredem com o dever histórico e cultural dessa obrigação de serem formosas: [...] “as mulheres aprenderam a considerar sua beleza como parte desse sistema econômico.” (WOLF, 2018, p. 36).

A beleza como valor é cruel com todas as mulheres e impiedosa para com as negras de pele mais retinta. Sant’Ana (2018) escreveu que as publicidades descreviam a cor de pele escura como sujeira. Nesse contexto, uma mulher preta ser considerada bela é uma quebra do paradigma construído pela branquitude, porque os fenótipos das pretas retintas são incompatíveis com a ditadura da beleza branca. E, ser feia, no cenário patriarcalista em que a aparência física é um valor, faz com que as pretas, em números



expressivos, tenham menos oportunidades de conseguir a estabilidade afetiva na concorrência marital em desvantagem com as mulheres brancas.

Segundo Wolf (2018), o patriarcado atribui à aparência feminina um valor de mercado que nem mesmo o feminismo conseguiu eliminar. O culto do belo é cultural, é imposto pelos interesses dominantes e é instrumento de poder, de opressão e de marcação dos espaços em todos os setores da vida. Porém, a ditadura da beleza branca não é o único fator a dificultar o acesso de mulheres pretas ao casamento, embora não se possa olvidar o impacto nocivo disso sobre as feminilidades de mulheres marginalizadas por estereótipos que constroem suas escolhas como parceiras conjugais. Muito menos se pode negar que as propagandas associaram condutas saudáveis a um conceito de beleza branca: “[...] ‘uma pele branca, delicada e fina, dentro da qual se vê circular a vida, deve o ser o ideal de toda mulher’. Peles ‘encardidas [...] precisariam ser regeneradas [...]’” (SANT’ANA, 2018, p. 72).

Se de um lado, a convencionada cultura do embranquecimento faz com que a beleza negra retinta seja ofuscada, em paralelo, o estigma sobre as mulheres negras de pele mais clara retrata uma cultura de exploração em que elas são vistas como mero objeto de desejo, estigmatizadas como as “mulatas hiper-sexualizadas”. O mito da mulata fatal, mundana e extremamente voluptuosa é mais um estigma de animalização sobre os corpos das mulheres negras que encontra apoio nas literaturas e se popularizou nas marchinhas carnavalescas.

Ribeiro (2018) denuncia, inclusive, ser pejorativo o vocábulo mulata, porque ele designa mulheres mestiças da raça negra e branca com o sentido de “mula”. A terminologia remota ao híbrido do cruzamento de espécies, indicando uma nomenclatura de cunho machista e racista que objetiva, desumaniza e animaliza. Em ambas as situações, mulheres negras - pretas e pardas, são desumanizadas e empurradas, no campo afetivo, para uma concorrência desleal com as mulheres brancas. Assim, o celibato desse grupo feminino não é uma opção, mas o produto da rejeição dos homens brancos e negros.

A essa repulsa, Dos Santos e Pereira (2020) creditam culpa ao senso comum sobre os corpos negros com estereótipos de inferioridade e naturalização de não-lugar na vida amorosa no que se refere ao contexto sexual-afetivo.

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS NEGRAS E SEUS REFLEXOS NA SOLIDÃO



[...] não é sobre um homem preto que vê uma negra e já começa a babar. não é tipo aqueles caras que já pegaram todas as pretas, mas só pra transar. não é tipo aquele lance de que é proibido palmitar. É sobre o afeto real, o amor e o carinho que um amigo pode lhe dar. é sobre as histórias (algumas tristes) que sempre iremos compartilhar. [...] é sobre sua mãe, irmã, família que no final do dia vão te abraçar. é sobre o apoio real, um pacto silencioso que faz o preto na rua se cumprimentar. É sobre mulheres negras aprendendo e nos ensinando a como se amar. É sobre aceitarmos nossos traços, raízes e ancestralidade custe o que custar. É sobre o encurtamento da nossa distância e o compartilhamento de como nos cuidar (ALVES, 2021, p. 23).

Davis (2016) relembra que as mulheres negras eram vistas como recipientes de gerar e parir miscigenações do regime escravocrata e reposição dos estoques de escravos. As crianças eram vendidas como bezerros separados da vaca. Na força de trabalho, as escravizadas eram consideradas não menos que os escravizados e a questão do gênero não prevalecia na hora das tarefas de peso bruto, uma vez que eram animalizadas. Embora a opressão fosse idêntica na lida, as cativas eram abusadas ainda sexualmente, como forma de redução a sua condição de fêmea.

O racismo da nossa sociedade foi estruturado na marginalização dos corpos negros em todos os setores, e com mais intensidade sobre as mulheres negras. Novelas, músicas, filmes, propagandas, nada há de inédito desde a bandinha carnavalesca de Babo (2018): “O teu cabelo não nega mulata, porque é mulata na cor. Mas como a cor não pega mulata, mulata eu quero teu amor”. (BABO, 2018, documento online). Toda essa procela de ilustração da negra no mundo artístico simbolizou a naturalização de um papel de subalternidade e coisificação.

A abolição não libertou o corpo negro que se manteve representado pela disponibilidade, ao uso e deleite de uma masculinidade tóxica de dominância branca. Assim, a negra não é vitimada apenas pelo racismo, nas também é sujeitada pelo sexismo. Segundo Ilacqua (2019) as representações das mulheres negras foram construídas de modo a caracterizar seus corpos como descartáveis, sempre expostos à objetificação, como eram as escravas postadas nos tablados de leilões.

Pacheco (2013) disse que as estruturas sociais empurram as mulheres negras para condição da mãe sozinha com filhos e pai ausente. Segundo afirma, as estatísticas comprovam que a solidão no Brasil é simbolizada pelos corpos femininos negros a representarem a maior comunidade de mães solteiras sem a presença masculina. As músicas populares instigam o imaginário de figuras femininas desequilibradas. Para a autora, o abandono afetivo das mulheres negras foi naturalizado de jeito que a



maternidade solitária não é uma opção. As machinhas carnavalescas contribuíram na sátira negativa através de letras como “Nega Maluca”, símbolo do não-lugar dessa população feminina no campo afetivo:

Tava (sic) jogando sinuca/Uma nega maluca me apareceu/Vinha com um filho no colo/Dizia pro povo que o filho era meu/Não senhor, toma que o filho é seu/Não senhor, pegue o que Deus lhe deu (...)Tudo acontece comigo/Eu que nem sou do amor/Até parece castigo/Ou então influência da cor! (...) Há tanta gente no mundo, /Mas meu azar é profundo/Veja você, meu irmão/A bomba estourou na minha mão[...] até parece castigo/Ou então influência da cor. (RUY; LOBO, 2018, documento online).

A objetificação da negra pode ser verificada em uma busca rápida pelo site do Google. Se for digitado o termo “mulher branca” (GOOGLE, 2019a), as imagens dispostas na tela são de rostos de mulheres brancas de cabelo liso, vestidas com recato. Quando se digita o termo “mulata” (GOOGLE, 2019b), veremos imagens de mulheres negras sexualizadas que levam a uma ideia de coisificação. Esta é a clara demonstração do modo como as mulheres negras, em principal as de pele mais claras, são coisificadas como mero objeto sexual.

Veloso (2019) acusa o site Google de apresentar cenas pornográficas quando o usuário digita “mulher negra dando aula” (2019). A repórter destaca que o mesmo não ocorre quando se busca “mulher branca” ou apenas “mulher”. Talvez, devido as denúncias e repercussão negativa desse racismo, as imagens do Google com o termo “mulher negra dando aula” passaram a ser embaçadas. Observa-se, contudo, que mesmo após essa polêmica, o site do GOOGLE continua, até outubro de 2020, a mostrar conteúdos de sexo explícito quando se digita o termo “mulata dando aula” (GOOGLE, 2020).

A representatividade da negra fixou-se negativada nos personagens literários. A escrava branca Isaura (GUIMARÃES, 1875) é a típica moça religiosa, recatada, prendada e romântica e casadoura. Na obra “O Cortiço” (AZEVEDO, 2018), Rita Baiana é a mulata hiper-sexualizada - a mulher fatal. Bertoleza é a crioula preta que trabalhou nas atividades grosso modo e serviu de trampolim para a escalada do companheiro português que a descartou quando se torna rico, para casar com uma jovem de cor branca.

Carneiro (2011) afirma que a conjugação do racismo com o sexismo subjugou mulheres negras numa asfixia social com sequelas na saúde, na autoestima e nas menores chances de cooptar casamento. Para a autora, a rejeição atinge a mobilidade



socioeconômica na medida em que os negros, ao se projetarem na escala piramidal, são congregados nos grupos dos brancos por meio da união com mulheres brancas.

A mulher preta tem a imagem associada as profissões grosso modo como faxineira, babá, lavadeira e papéis afins. As tonalidades de pele mais clareadas é estereótipo da mulata hipersexualizada. O único trânsito destas mulheres no imaginário popular é nas faxinas ou no sexo fácil, sem vinculação afetiva. A dupla discriminação, de cor e de gênero projeta seus reflexos até no campo afetivo.

Lemos (2018) menciona o censo 2012 do Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa (IBGE) indicando que 52,52% das mulheres negras de Salvador são solteiras. Na capital do Brasil que tem a maior concentração de mulheres negras é a maior agregação de famílias compostas de mãe com filhos, 51% sem a presença do pai. Segundo ela, essa solidão não é um modo de vida espontâneo, mas a consequência do preterimento das mulheres negras colocadas em desvantagem como pretendentes, a ponto de não terem o poder de decidir. Souza (2008) observou que a cor da pele tem conexão direta com o isolamento afetivo e, para mulheres negras, a figura do príncipe encantado não simboliza casamento, porque os caminhos dos homens é a união com mulheres brancas. Essa solidão alcança negras de todos os extratos sociais porque no geral, elas são as últimas opção dos homens.

Lorraine (2017), como negra denuncia: “Não somos mais marcadas com ferro para saber a quem pertencemos, porém as palavras ofensivas como nega, neguinha, negona, macaca, entre outras, ainda são usados (sic) para nos identificar” (LORRAINE, 2017, p. 12). As negras, diz ela, são lembradas para o turismo sexual, cobiçadas de forma negativa, ao contrário das mulheres brancas referenciadas com um acatamento patriarcalista. Segundo a autora, a solidão é indiferente ao padrão socioeconômico. Mulheres negras, lindas e inteligentes exteriorizam dificuldades de conseguir parceiros: “Como mulheres negras, temos na ponta da língua o motivo por não termos uma (sic) relacionamento satisfatório. Somos rejeitadas” (LORRAINE, 2017, p. 34), esta rejeição encontra relação direta com os seus corpos negros.

Rocha (2018) inspira-se na sua história de vida ao criar um personagem literário que narra os percalços de uma jovem mulher, negra e gorda com dificuldade para encontrar o amor de um homem capaz de assumi-la como parceira amorosa aos olhos da sociedade, diante de um corpo negro que ela descreve carregado de dados negativos e preconceituosos: “[...] Deixei me envolver tantas vezes. Continuo sozinha e carrego duas

características marcantes: o corpo e a cor da minha pele. Estou entre a porcentagem de mulheres negras solitárias, quase condenadas a um celibato forçado” (ROCHA, 2018, p. 10).

Outra mulher negra a expressar a dor da rejeição amorosa é mencionada por Domingues (2019) ao narrar entrevista com a cineasta Rosa Miranda no Jornal O Globo. Em encontro marcado às cegas por meio de um site de relacionamentos o pretendente afirmou que se sentiu enganado porque não sabia que ela era negra e descartou possibilidade de desenvolver um relacionamento amoroso. Casos como o relatado são corriqueiros na vida das mulheres negras. Elas se habituaram ser procuradas apenas para encontros furtivos, por serem as vítimas mais constantes de assédio sexual.

As investidas impertinentes dos homens sobre as mulheres negras fizeram que elas construíssem uma defensiva constante, tornando-se a personificação da mulher independente e agressiva que, por sua vez, é repelida pelo sistema patriarcalista. As contradições do patriarcalismo interpretam as defensivas das mulheres negras como um estilo de vida autossuficiente. Todos esses fatores resultam que pretas e pardas são preteridas, inclusive, pelo homem negro. Eles preferem, quando em condições de escolha, o casamento com as brancas. Ou, como menciona Pacheco (2013), ao menos com as negras de tonalidades mais claras, mas sempre o ideal é de atenuação paulatina da cor e dos traços negroides.

Fanon (2018) designa como “desracialização” a escolha pela cor da pele que sobrepõem a quaisquer outra consideração e leva a parceiras que não seriam escolhidas por questões socioeconômicas ou culturais se não fossem o fato de serem mulheres brancas. Constata-se, a mestiçagem brasileira não significa ausência de racismo, mas o resquício da política genocida que alienou negros e negras com opressões internalizadas. A aculturação penetrou de forma profundo no tecido social brasileiro e impactou nas questões políticas, culturais e psicológicas. Estas são as origens do desejo do embranquecer que mantém “[...] intocada a crença na inferioridade do africano e seus descendentes.” (NASCIMENTO, 2016, “n. p.”)

Não é de se admirar que a secularidade de desvalorização dos corpos negros levem mulheres negras a serem preteridas por seus parceiros da mesma correspondência racial. O branqueamento psicológico afeta de forma tão negativa a escolha por mulheres negras para constituição da família que elas se tornam rechaçadas desde a vida



profissional até as vivências afetivas. Angelou (2020) expressa por poesia, a dor de mulher negra preterida procurada apenas para o sexo furtivo:

Eles voltavam para suas casas e contavam às suas esposas, que nunca antes em suas vidas haviam conhecido uma garota como eu, mas... eles voltavam para suas casas. Eles elogiavam a limpeza da minha casa, eu não dizia nenhuma palavra que não fosse a certa e mantinha meu ar de mistério, mas... eles voltavam para suas casas. As bocas de todos os homens me enalteciam, eles gostavam do meu sorriso, da minha sagacidade, dos meus quadris, passavam uma noite, ou duas ou três (ANGELOU, 2020, “n. p.”).

Dois curtas-metragens brasileiras: “Vista a minha pele” (VICENTE, 2010) e “Cores e botas” (ARAÚJO, 2008) retratam a complexidade da autoestima negra desconstruída desde a infância. Os roteiros descrevem a anulação da identidade étnico-racial que atinge o amor próprio das crianças. As produções apresentam personagens principais, meninas negras que participam de algum concurso de beleza ou talento na escola, mas são rejeitadas em um ambiente racista de desvalorização da estética negra.

Gomes (2019) explica que a relação estética e identitária negra é uma batalha de aceitação da negritude cujos corpos são terrenos conflituos conectados por poder e hierarquia. Para aceitação negra exige-se um exercício de autoestima abalada pela rejeição imposta como tecnologia de dominação. Pensar a beleza dos fenótipos e da pele preta é um posicionamento político debatido na complexa relação racial de representações construídas de forma negativa. A identificação negra na miscigenação precisa ser desconectada da objetivação puramente carnal que inferioriza e animaliza as mulheres pardas.

Para a desconstrução da autoimagem negativa é necessária muito mais do que ações individuais. Exige-se uma reformulação do consciente coletivo negro contra a construção da beleza hegemônica branca que projeta uma visão distorcida da realidade. Essas práticas midiáticas racistas somente se rebatem, consoante Dos Santos e Pereira (2020) com uma reconstrução de um empoderamento dimensionado, e redimensionado, sobre o fortalecimento da identidade do oprimido como um grupo étnico.

O PRETERIMENTO DA NEGRA PELO HOMEM DE SUA ETNIA E A POLÍTICA OPRESSORA DO EMBRANQUECIMENTO

Da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias-tintas, me vem este desejo repentino de ser branco. [...] quem pode proporcioná-lo, senão a branca?



Amando-me ela me prova que sou digno de amor branco. Sou amado como um branco. Sou branco. Seu amor abre-se o ilustre corredor que conduz à plenitude... (FANON, 2008, p. 83).

Apesar dos avanços nas produções acadêmicas, subsiste a secular difusão de inferioridade dos corpos negros. A internalização do embranquecimento no homem negro leva-o a visualizar o casamento com mulheres brancas como o meio de serem inseridos no contexto sociocultural. Castro (2019) relata que o déficit masculino de parceiros brancos é visto por homens negros como uma fresta para seus ingressos no mundo dos brancos. A razão é que nas profundezas dessa subalternidade é muito difícil uma elaboração identitária favorável a autoestima saudável e a relação interracial ficam sentida como aceitação social.

Nascimento (2016) aponta como um exemplo escabroso dessa assimilação cultural, fruto da opressão social expressiva e dramática, o caso do poeta negro João da Cruz e Sousa, emparedado, de modo absoluto, pela estética da brancura:

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras de luares, de neves, de neblinas! [...] Formas do Amor, consteladamente puras, [...]. De carnes de mulher, delicadezas... Todo esse eflúvio que por ondas passa Do Éter nas róseas e áureas correntezas... [...] Teu corpo ideal, com o resplendor da Helade... E em toda a etérea, branda claridade. Como que erravam fluidos de harmonia... (SOUSA, 1893, “n.p”).

O cenário de desvalorização da negra pelo negro é demonstrado na obra cinematográfica de Jeff Nichols (2016), “Loving: uma história de amor”. Trata-se da história real da mulher negra que enfrentou a Suprema Corte Americana para poder se casar com Richard, o companheiro branco. Em uma cena do filme, um personagem negro aconselha o pretendente branco da protagonista, a abandonar aquela companheira negra. Diz ele: “- [...] você sabe qual é a sensação né? Você virou negro! [...] todo preto queria ser você! [...] e você não tem bom senso pra aproveitar isso! [...] você tem saída, eu não tenho saída!”.

Souza (2008) aborda o desprezo e abandono afetivo das negras dentro de uma dimensão que é o cerne do preterimento pelo parceiro da mesma etnia como sendo o produto da opressão da cultura colonialista. A opressão do embranquecimento coloca a mulher branca em uma posição de vantagem nas escolhas afetivas feitas pelo homem negro, por conta da repercussão do desvalor dado à negritude no contexto histórico-cultural. Essa desvalorização, ao ser assimilada, impulsionou o negro a se valer do privilégio do gênero e do déficit de homens brancos para embranquecer sua descendência.



Tanto Souza (2008) quanto Pacheco (2013) destacam que esse preterimento é acentuado na proporção em que o negro consegue ascensão social. Com isso, a miscigenação tem forte influências raciais e de gênero no direcionamento das escolhas afetivas. Ser mulher negra no Brasil, concluem as pesquisadoras, é ser a base da pirâmide na escala social e afetiva. Restam às negras o isolamento afetivo não como fruto de uma opção de vida autossuficiente, mas porque ficam excluídas da vida amorosa.

Por isso, as feministas negras divulgaram nas redes sociais o termo palmitagem, que é o preterimento da mulher negra pelo seu correspondente étnico. Embora Fernandes (2017) diga que a preferência por cônjuges brancos seja observada tanto nos homens, quanto nas mulheres negras, Ribeiro (2004) salienta que a palmitagem só é atribuída a homens negros que só assumem relacionamentos afetivos, públicos e duradouros com as mulheres brancas. Intimidades sexuais com as parceiras da mesma etnia, sem publicidade e intenção de vínculo afetivo duradouro, não exclui o ato de palmitar.

A palmitagem é especificidade dos homens negros. Segundo Rosa e Romualdo (2017), as mulheres negras que se relacionam com homens brancos não têm condições de escolha equivalentes aos seus correspondentes étnicos. A multifacetária opressão que sofrem, de gênero e de raça, desfavorecem essas mulheres na seletividade afetiva e não lhes permitem uma condição de concorrência. A lógica aplicada é a mesma usada por Ribeiro (2018) ao explicar a inexistência do racismo reverso: negros não praticam racismo já que não dominam as regras do jogo, uma vez que as estruturas do poder necessário para praticar a segregação são patriarcais e brancas. Do mesmo modo, mulheres negras não dispõem de opções para escolher.

Segundo Castro (2019), os homens negros, ao alcançarem alguma superioridade socioeducacional, trocam a correspondente racial negra por mulheres de linhagem racial considerada superior. Trata-se de uma prática racista de compensação das desvantagens da cor, onde a segurança financeira contrabalança o tabu da união com uma etnia tida como inferior. Por sua vez, os parceiros de coloração mais acentuadas, veem na parceira de raça distinta, um troféu da mobilidade social e símbolo da integração no mundo branco para garantia do embranquecimento da descendência que não ficará sujeita a discriminação.

Castro conclui que os casamentos inter-raciais, ao contrário de ser uma demonstração de ausência de preconceito é, na verdade, a reprodução do racismo refletido nas estruturas da sociedade. As escolhas afetivas são condicionadas a uma perversa



hierarquia racial que impacta na exclusão amorosa das negras. Elas ficam na base da hierarquia social em todos os setores e até mesmo nos afetos, limitadas por circunstâncias de gênero e raça. Percebe-se que em razão da discriminação racista que estrutura nosso contexto histórico, a mulher negra é rejeitada não só pelo homem branco, mas também pelo parceiro étnico em condições de escolha. O homem negro faz valer o privilégio do gênero para se enformar em uma aculturação branca a que Nascimento (2016) chama de marca profunda, a ponto de se manifestar ódio à própria cor e buscar no embranquecimento sua redenção.

O racismo é internalizado na busca da mulher branca como um passaporte de projeção social. A cor é sentida como uma marca, um símbolo indisfarçável de uma posição social inferior que deve ser superada pelo embranquecimento. Isso faz do casamento interracial, o condicionante no imaginário, para a aceitação da convivência negra no círculo considerado elevado. Como lembra Carneiro (2019), a manutenção dos privilégios coopta as melhores cabeças para o mundo do branco.

Para o Fernandes (2008), as determinações vinculadas à cor interferiram e ordenaram as relações do casamento com uma raça considerada superior, representando a absorção do preto e do mulato pelo nível social em que ele se realizasse. A miscigenação foi constituída como uma artimanha racista que busca diluir negros em brancos, movidos pela crença da superioridade racial. Esse branqueamento, por si só, já é assimilado como uma espécie de elevação na pirâmide.

No sentir de Fanon (2008), as relações de poder alienam os negros com perda da identidade diante da impossibilidade circunstancial, consciente ou não, que a raça negra tem para se constituir como sujeitos da própria história. O tolhimento da cor inviabiliza a inserção social e causa um sentimento de desumanidade que precisa ser suprido. “[...] No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa” (FANON, 2018, p. 126). Ao serem desumanizados no processo colonizador, diz o autor que restaram a negros, a humanização idealizada no embranquecimento, no modo de agir, de se postar, e até mesmo nas escolhas afetivas com as quais buscam a descendência embranquecida.

Essa assimilação cultural, do ponto de vista do opressor para ser aceito, é a dinâmica que afasta mulheres negras das escolhas como parceiras de uma vida. Assim, preferências nos intercasamentos vão se definindo por meio das linhas de tonalidades em



que, segundo Fernandes (2018), “As alternativas de escolha fazem com que para o negro às vezes sejam difícil escolher uma mulher branca, então ele fica com uma mulata. Só em último caso é que ele vai preferir uma negra.” (FERNANDES, 2018, p. 93)

Embranquecer é a maior visibilidade da ascensão no contexto da hegemonia branca. A aceitabilidade dos corpos negros na classe social de hierarquia considerada superior e de dominância branca é uma passagem de negação do pertencimento racial. Para Fanon (2018) a idealização do branqueamento, prática racista de dominação e de opressão de legado colonizador, criaram nos homens negros um complexo de inferioridade tão grande, que a aceitação dentro das perspectivas dos brancos é uma condicionante da humanização.

Cipó (2019) atribui daí, a preferência dos negros pelas mulheres brancas. O racismo que impacta na construção afetiva saudável e desencadeia a negação dos afetos das pessoas pretas por elas mesmas. Assim, buscam a afirmação pessoal no olhar do branco, pela miscigenação. Afirmativa é constatada nos poemas e obras do poeta negro, Cruz e Sousa (1993): “[...] Todas as portas e atalhos fechados ao caminho da vida, e, para mim, pobre artista ariano, ariano sim porque adquiri, por adoção sistemática, as qualidades altas desta grande raça [...]” (SOUSA, 1993, documento online).

A ausência de valorização e de segurança afetiva do homem negro faz com que ele alimente a aspiração por mulheres brancas de condições econômicas e culturais muitas vezes inferiores. O negro oprimido, em razão das discriminações raciais, passa a priorizar a cor branca para contrair descendentes e adotar o embranquecimento. A consideração da cor se sobrepõe a toda e qualquer outra motivação (FANON, 2008).

Moreira (2019) sentiu essa ânsia pelo embranquecimento na infância. A gradação da cor da pele era um determinante das potencialidades dos espaços e fazia com que ele fosse evitado pelas primas de cor mais clara. Por sua vez, menino, reproduzia essa mesma atitude com os colegas de cor mais escura ao se afastar da identificação como negro, para conseguir o apreço das pessoas brancas. O ativista relatou como esse processo o angustiava na medida em que dificultava seus laços afetivos com outros negros. As relações de “solidariedade cultural com pessoas que tinham as mesmas características fenotípicas” (MOREIRA, 2019, p. 46) foi o determinante de sua autoafirmação como negro. Na troca de parceria com grupos marginalizados, que ele, homem negro, aprendeu a amar a negritude e a se amar. Sentiu na comunhão entre oprimidos, a ruptura dos mecanismos da alienação.

Fernandes (2017) denomina de Segunda Abolição, a emancipação feita pela organização do movimento negro “[...] irmanando e unindo todos os que são vitimados pela hegemonia de privilégios arcaicos ou modernos, de origem colonial ou recente [...]” (FERNANDES, 2017, p. 71). O sociólogo fala da necessidade de um pertencimento que leve pretos e pardos a se identificarem como negros. Essa aceitação étnica, como caminho emancipatório, foi a experiência vivida por Moreira (2019).

Desse mesmo modo, Gomes (2019) relatou que a construção da identidade negra saudável só pode ser germinada por meio de um aprendizado coletivo de valorização das práticas culturais afro-brasileiras em que a comunidade negra veja-se afirmada como sujeitos pertencentes a um grupo étnico/racial. Disse: “[...] Essa aceitação vai depender da trajetória de vida, da inserção social, da possibilidade de convivência em espaços onde a cultura negra e as raízes africanas são vistas de maneira positiva (GOMES, 2019, p. 280).

A conscientização de que projeção inferiorizada é, antes de tudo, uma tecnologia de demarcação de espaço feita pelo grupo dominante leva resistência consistente na construção da autoestima e ressignificação identitária dentro do plano individual e coletivo. A desconstrução das barreiras nocivas atravessa uma série de dominações e reclama a atuação conjunta contra todas as formas de opressões que postam as mulheres negras no limbo afetivo.

MOVIMENTOS NEGROS E FEMINISTAS NA CONSTRUÇÃO DE NOVOS PARADIGMAS

...Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregá-las quando atravessam um lamaçal, e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou eu uma mulher? [...] Não sou eu uma mulher? Pari cinco filhos, e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou eu uma mulher (STANTON; ANTHONY; GAGE, 1889).

Tanto Davis (2016) quanto Ribeiro (2016), ao destacarem a importância da interseccionalidade no fortalecimento dos movimentos feministas, para exemplo, fizeram menção a Sojourner Truth. Trata-se de uma ex-escravizada que proferiu ousado discurso acerca da condição que se impunham às negras como servientes das brancas. A fala da



liberta denunciou, nas entrelinhas, que enquanto as feministas brancas lutavam pelo voto, as negras reivindicavam o direito de serem consideradas pessoas.

“Para muitas mulheres negras [...] o sonho da igualdade racial estava intimamente ligado à fantasia de que acabada a luta, as mulheres negras poderiam assumir os papéis de gênero sexistas tradicionais.” (ILACQUA, 2019, n. p.). Assim, Ilacqua (2019) diz que existe um ponto de vista divergente do que vem se materializar como feminismo para as mulheres negras em relação aos reclamos sentidos por parte das mulheres brancas. O caminho, contudo, deve passar longe da desagregação, porque a fragmentação é uma estratégia de dominação por enfraquecimento das lutas.

A maioria das mulheres brancas, ao lutar contra a escravização não estavam preocupadas com as condições sub-humanas das negras. Assim, hooks (2019b) diz que o incômodo era que a escravização permitia fácil acesso aos corpos das escravizadas, conduzindo seus homens às depravações das carnes. Logo, mulheres brancas e negras tiveram pontos de partidas diversos na luta contra o sexismo. O movimento feminista negro marca as diferenças relacionadas a realidade vivida por mulheres negras e brancas. Não se tem possibilidade de pensar melhorias, sem um olhar interseccional e ruptura do caráter universalista das reivindicações que impunha um feminismo sob o enfoque das necessidades brancas.

Segundo hooks (2019b), a fragmentação dos discursos enfraquece as causas ao ofuscar que a desumanização das mulheres negras impacta na objetivação de todos os componentes femininos. Isto porquê o sexismo mostra sua perversão de forma ampla em todos os gêneros, mesmo que alcance com maior vigor uma parcela delas e por isso, a comoção não pode ser seletiva quando todas as formas de opressão servem de base para a fortalecimento das forças dominantes.

Ribeiro (2018) adverte que o racismo tem que ser discutido pelo viés da branquitude com feministas brancas a refletirem de que forma suas atitudes contribuem para a baixa autoestima da amiga negra. Devem questionar de que maneira podem atuar na ruptura dos estigmas que vitimam os corpos das mulheres negras com multifacetárias marcações. Conclama-se a participação de todas as mulheres no empoderamento umas das outras.

Carneiro (2011) aponta ser crucial a percepção do movimento negro a militar em prol de todas as mulheres, porque não há como idealizar uma igualdade plena sem que se amplie o protagonismo na libertação dos padrões patriarcalista branco. Segundo ela, o

feminismo sob hegemonia branca asfixia de forma negativa as mulheres negras, com reflexo na saúde mental, física, baixa autoestima e menor índices de casamentos. A compreensão do impacto do binômio racismo e sexismo na produção de privilégios e exclusões a todos e todas de forma extensiva, processa-se por meio da solidariedade entre as mulheres com importantes redes de articulações.

Beauvoir (2009) escreveu que a objetificação da mulher como coisa passiva sendo pressuposto de feminilidade é uma armadilha da dominação patriarcal em que os mais medíocres dos homens se sentem semideus frente a uma mulher. Mulheres questionadoras da superioridade masculina são ameaçadas pela diminuição de seu valor e esse padrão patriarcalista tem profundas analogias nas opressões que subjagam segregam negros. Todos são postos em vulnerabilidades que assegura ao opressor o benefício de se sentir o dominante: “[...] um ‘pobre branco’ do sul dos Estados Unidos tem o consolo de dizer a si próprio que não é “um negro imundo”, e os brancos mais ricos exploram habitualmente esse orgulho.” (BEAUVOIR, 2009, “n. p”).

Ao acentuar essas analogias opressivas, Beauvoir (2009) registra que as castas dominadoras reduzem os dominados a uma condição inferiorizada de lugar escolhido por eles. Acrescenta-se nessa lógica que, quanto mais ampla é a gama de oprimidos, mais forte ficam os laços do opressor. Diante disso, as divisões das causas contra as marginalizações, separadas em compartimentos, é uma estratégia de silenciamentos, fragmentações e reduções das forças divergentes. Dentro desses recortes fragmentados são localizados os negros, as mulheres, as comunidades LGBTQ+ e todas as cadeias de marginalizações, inclusive as intergeracionais.

Collins (2016) assevera que ideologias racistas e sexistas compartilham característica em comum, a de que sob a leitura da interseccionalidade, as diversas formas de submissão objetivam desumanizar os grupos dominados. A natureza interligada da opressão trata todos os grupos reprimidos como variantes, categorizados em “múltiplos sistemas de dominação” (COLLINS, 2016, p. 108).

Por isso, Ribeiro (2018) adverte a necessidade de se remexer as estruturas dos privilégios, mas que sejam de todos os privilégios sem distinção, porque a objetificação feminina, destaca ela, embora acometendo com mais rigor a mulher negra, deita suas raízes em todas. A erva daninha do preconceito alcança todas as mulheres em extensão e a todos os negros sem distinção, dentro de uma cadeia de segregação no qual estão inseridas todas as variantes de opressões.

Davis (2016) dimensiona a importância e os resultados positivos de uma união coletiva das mulheres, em oposição da fragmentação da opressão, dizendo que essa conscientização de coletividade é o passo inicial mais importante para mudanças concretas:

A história da luta das mulheres por educação nos Estados Unidos alcançou o auge quando as mulheres negras e brancas comandaram juntas, depois da Guerra Civil, a batalha contra o analfabetismo no Sul. A união e a solidariedade entre elas ratificaram e eternizaram uma das promessas mais férteis de nossa história. (DAVIS, 2016, p. 19).

Berth (2019) considera que as vertentes opressoras reclamam caminhos de reconstrução e cuidado em não se inverter os polos de opressão com a retirada de poder de um lado oprimido para suprir a outro. Empoderar significa muito mais do que o fortalecimento da autoestima ligada às considerações do sentir-se belo. Para ela, a reconstrução das bases sociopolíticas é feita na construção de um amor à negritude projetada na estética do outro e por isso, homem negro, como também oprimido, precisa entender que se reconhecer belo/bonito significa o reconhecimento dessa beleza em seus pares raciais.

Esse enfrentamento sincronizado das marginalizações contra opressões de raça, gênero e classe, interligados, é interseccionalizado porque não existe a hierarquização das tiranias contra oprimidos. A luta fragmentada não alcança a libertação das opressões, porque os fios são conectados como em uma teia de aranha. Essa possibilidade de ser um oprimido é que deve carregar o ativismo conjunto contra a violência por questões de sexo, gênero, raça, idade, regionalismo e toda lista de marginalizações.

Deve-se evitar, contudo, a produção de essencialismos, pois conforme adverte Akotirene (2019), “nem toda mulher é branca, nem todo negro é homem” (AKOTIRENE, 2019, p. 31). O caminho da redenção, para a autora, é reposicionamento dos negros, das mulheres e dos demais excluídos, juntos, na defesa da identidade política, coletiva e diversificada, frente a matriz de opressão colonialista. Essa estratégia exige que o racismo seja visto como uma questão a ser rebatida pelas mulheres brancas.

Segundo hooks (2019a), uma vez que o racismo não é o único fator de opressão a prejudicar mulheres negras no seio familiar e dentro das comunidades, o feminismo negro necessita enfrentar o embate de que a luta não seja pela inclusão feminina negra dentro dos privilégios patriarcalista branco. A construção da masculinidade do homem negro em torno desse patriarcado representado por um “modelo estereotipado masculino provedor



e chefe de família” (hooks, 2019a, p. 288) não é essencial para a promoção da família negra. O feminismo negro pode ser também uma ferramenta para superação das opressões contra as mulheres brancas uma vez que tanto o machismo quanto o racismo afetam as comunidades oprimidas.

Para Berth (2019), a luta pela erradicação do racismo estrutural se aglutina na linha de frente de um novo feminismo negro norteado de novas posturas ao caminho da equidade e eliminação das opressões que não seja universalizado, mas inclusivo. A formação do pensamento crítico é motriz da emancipação da mulher, ao passo de que as opressões fragmentadas é a válvula das desigualdades. O papel das lutas sociais é desestruturar os excedentes de privilégios. As premissas das interseccionalidades desvendam os inter cruzamentos dessas opressões e suas estratégias de manutenção de poder, de cujas amarras só se desfazem pela união das lutas dos movimentos negros e feministas para a libertação.

À vista disso, o processo de democratização é pautado na luta pelos direitos de todos, com abertura de espaço para todas as expressões de gênero em um “[...] desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado” (TIBURI, 2018, p. 6). Ao dizer que “[...] mundo machista - que conferiu aos homens privilégios, mas também os abandonou a uma profunda miséria espiritual - nunca pretendeu realmente levar à realização” (TIBURI, 2018, p. 6), a autora faz uma articulação do feminismo interseccionalizado como uma espécie de agulha manipulada para furar a bolha do poder e desmontar a máquina misógina patriarcalista que sustenta privilégios de gênero, raça, classe, idade e todas as formas de tirania.

Sem desmerecer as interseccionalidades, Cardoso (2018) ver na consagração do feminismo negro, a excelência da emancipação feminina, visto que a mulher negra integra vantagem epistêmica de percepção ampliada dos grupos oprimidos, diante da dualidade racista sexista que as oprimem. Nessa especificidade, as negras ficam como posição política privilegiada e mais capacitadas a fim de “[...] avaliar a sociedade e propor novos projetos políticos, a partir de um ponto de vista e de uma posição formada por esta dupla visão.” (CARDOSO, 2018, p. 317).

A autora considera que as múltiplas respostas epistêmicas de colonização a que mulheres negras são submetidas, tornaram-nas possuidoras de um corpo político simbolizado por todas as formas de resistências. Para Cardoso (2018), essa corporeidade,



duramente estigmatizada, coloca a negra em uma vantagem privilegiada, como voz na arena dos discursos, para compreensão das ações dos dominantes e dos dominados a fim de construir, assim, uma leitura mais estrutural da sociedade e dos projetos políticos.

CONCLUSÃO

O preterimento das mulheres negras pelo seu correspondente étnico fortalece o discurso racista. A narrativa do branqueamento, ao colocar o negro no sentimento de exclusão, resulta na assimilação do universo branco por meio de preferências de casamentos interraciais com mulheres brancas. Essa relação, contudo, não lhes confere, como homens negros, nenhuma vantagem, uma vez que as melhores cabeças, ao serem cooptadas pelo sistema opressor, é consolidada como ferramenta de manutenção dos privilégios concentrados no mundo dos brancos.

Todas as mulheres sofrem o impacto do machismo, mesmo que em maior ou menor grau, e todos os negros sofrem com a descaracterização de sua etnicidade ainda que neguem esses fatores. O paradoxal é que o mesmo sistema sexista e racista que impõe o isolamento afetivo da negra, coisifica a mulher branca como uma prenda na ascensão social. Em um ou noutro caso, as mulheres sofrem desumanizações. A razão é que a brancura patriarcalista fortalece-se nas fragmentações das representatividades para a manutenção de seu domínio e uma ruptura contra a opressão só se faz por meio de uma emancipação conjunta e solidária entre todos os oprimidos.

O empoderamento de cor e de gênero deve trabalhar mulheres negras como corpo político e fio condutor de novos paradigmas dentro das comunidades afros e no feminismo como um todo. Esta condição de multifacetárias opressões, por essa via, posiciona o feminismo negro como fonte e ponte de fruição reflexiva na importância da interseccionalidade entre os oprimidos. Para tanto, a superação dos sistemas de opressões necessita que marginalizados tenham consciência de que todas as formas de dominações se interligam com a finalidade de enfraquecer vozes minoritárias e fortalecer as bases da opressão patriarcalista.

Outros fatores a serem considerados, como orientação sexual e idade, não foram temáticas de questionamentos dentro desta pesquisa com recorte que se definiu pelos conteúdos que impactam nos relacionamentos heteroafetivos em razão da raça e do gênero. Desse modo, estudos a respeito da afetividade das mulheres negras ingressam,



neste artigo, como ponto de reflexão para outras e novas produções acadêmicas que analise também questões afetivas relacionadas a homoafetividade. O espaço aqui é de reconhecimento das opressões, autoconhecimento e busca por soluções em que se desconstruam paradigmas para uma sociedade com relacionamentos mais saudáveis, dentro dos quais, um dos pontos de partida é a solidariedade entre os oprimidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Lelê. Afro Afetos. São Paulo: *Amazon*, 2021.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: *Pólen*, 2019.

ANGELOU, Maya. Poesia Completa. São Paulo: *Alto Astral*, 2020.

ARAÚJO, Joel Zito. Vista a minha pele. Curta-metragem brasileira. 27 minutos, 2008. Disponível em:

https://www.google.com/search?q=Vista+a+minha+pele.+Curta-metragem+brasileira&client=tablet-android-samsung-nf-rev1&prmd=vni&sxsrf=ALeKk01vsW6K33EnDGffCbb0DZYNMDd3Q:1610366175186&source=lnms&tbn=vid&sa=X&ved=2ahUKEwjh1NG-6ZPuAhUYH7kGHZEnDnwQ_AUoAXoECAQQAQ&biw=1463&bih=915&dpr=1.75

Acesso em: 11 jan 2021.

AZEVEDO, Aluísio. O cortiço. Brasília: *Editora Moderna*, 2018.

BABO, Lamartine. O teu cabelo não nega. 2018. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/lamartine-babo/o-teu-cabelo-nao-nega.html>. Acesso em: 26 ago 2019.

BANCO DE TESES DA CAPES. Negra Solidão. 2019. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 11 jan 2021.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (2008). Negra Solidão. Disponível em:

<https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=negra+solid%C3%A3o&type=AllFields&limit=20&sort=relevance>. Acesso em: 11 jan 2021.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Tradução de Sérgio Milliet, 2ª ed., Rio de Janeiro: *Nova Fronteira*, 2009. Disponível em: <https://elivros.love/livro/baixar-o-segundo-sexo-simone-de-beauvoir-epub-pdf-mobi-ou-ler-online>. Acesso em: 29 nov 2019.

BERTH, Joice. Empoderamento. São Paulo: *Pólen*, 2019.

CARDOSO, Cláudia Pons. Experiências de mulheres negras e o feminismo negro no Brasil. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 10, n. 25, p. 317-328, jun. 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/618>. Acesso em: 10 jan 2021.

CARNEIRO, Sueli. Escritos de uma vida. São Paulo: *Pólen Livros*, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: *Selo Negro*, 2011

CASTRO, Alex. Casamentos interracialis e o racismo à venda no Brasil. 2017. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/09/casamentos-interraciais-racismo.html>. Acesso em: 05 mai 2019.

CIPÓ, Roger. Palmitagem? Quando o termo é mais importante que o impacto do racismo na formação da afetividade preta. 2019. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/palmitagem-quando-o-termo-e-mais-importante-que-o-impacto-do-racismo-na-formacao-da-afetividade-preta/>. Acesso em: 10 set 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, Janeiro/Abril 2016.

DOS SANTOS, J. L. R.; PEREIRA, T. C. de S. Gênero mulher negra: como (re)existir?. *ODEERE*, v. 5, n. 10, p. 157-181, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/7905>. Acesso em: 17 fev 2021.

DAVIS, Ângela. Mulheres, raça e classe. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: *Boitempo*, 2016.

DOMINGUES, Naíse. ‘Você não disse que era preta’, disse homem em encontro: Racismo estrutural e machismo levam mulheres negras brasileiras à rotina de exclusão afetiva. In: Artigos e Reflexões, Mulher Negra. disponível em: <https://www.geledes.org.br/voce-nao-disse-que-era-preta-disse-homem-em-encontro/>. Acesso em: 31 dez 2019.

FANON, Frantz. Pele negra máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira, Salvador: *EDUFBA*, 2008.

FERNANDES, Florestan, 1920-1995. A integração do negro na sociedade de classes: (o legado da “raça branca”), v. 1, 5. ed., São Paulo: *Globo*, 2008.

FERNANDES, Florestan. Significado do Protesto Negro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2017.

GUIMARÃES, Bernardo. A escrava Isaura. Belo Horizonte: *Autêntica Editora*, 2018.

HOOKS, bell(a), As mulheres negras e feminismo. In. hooks, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Marin golo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell(b). E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo - tradução Buri Libanio. Rio de Janeiro: *Rosa dos Tempos*, 2019.

ILACQUA, Angélica. Mulheres negras revolucionárias: nos transformamos em sujeitas. E 04. Vendendo uma buceta quente: representações da sexualidade da mulher negra no mercado cultural. In: hooks, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: *Elefante*, 2019.

LEMONS, Rhaul Santos de. O corpo negro: a estética negra como forma de resistência. Uberlândia: X COPENE, 2018.



LORDE, Audrey. Bons espelhos não são baratos. 2016. Disponível em: <http://literaturalesbofeminista.blogspot.com/2016/05/bons-espelhos-nao-sao-baratos-audre.html>. Acesso em: 22 set 2019.

LORRAINE, Claudia. A mulher negra e os relacionamentos. 1ª ed. São Paulo: Linear B Editora, 2017.

MOREIRA, Adilson José. Pensando como um negro: ensaio de hermenêutica jurídica. São Paulo: Contracorrente, 2019.

MULHER BRANCA, Imagens do site Google com o termo “mulher branca”. 2019a. Disponível em: https://www.google.com/search?q=mulher+branca&client=tablet-android-samsung-nf-rev1&prmd=ivsn&sxsrf=ACYBGNSlm7E3QOXhSVKqy1duLyWqmCpEUQ:1572203996214&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjZt9W1L3lAhWQI7kGHQLgCEQQ_AUoAXoECA0QAQ&biw=638&bih=1020&dpr=1.75. Acesso em: 27 out 2019.

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 3. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019

GOOGLE. MULATA, Imagens do site Google com o termo “mulata”. 2019b Disponível em: https://www.google.com/search?q=mulata&tbm=isch&ved=2ahUKEwjT46Tukb3lAhW3L7kGHapVBhYQ2-cCegQIABAC&oq=mulata&gs_l=mobile-gws-wiz-img.3..015.14826.18719..20802...1.0..3.260.2963.0j16j3.....0...1.....5..35i362i39j0i67.f3yhsXCnRT0&ei=T-u1XZOADLff5OUPqquZsAE&bih=1071&biw=670&client=tablet-android-samsung-nf-rev1&prmd=ivN. Acesso em: 27 dez 2019.

GOOGLE, MULATA DANDO AULA, Imagens do Google com o termo “mulata dando aula”. 2020. Disponível em: https://www.google.com/search?q=mulata+dando+aula&rlz=1C1GCEB_enBR891BR891&sxsrf=ALeKk03b-_6xX2lRxnR-TvxMHRbLlciXQ:1601923581770&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwibvLGwjp7sAhUjm-AKHbYbYDnKQ_AUoAnoECAsQBA&biw=1280&bih=538. Acesso em: 5 out 2020.

NASCIMENTO, Abdias do, 1914-2011. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. 1. ed. - São Paulo: *Perspectivas*, 2016.

NICHOLS, Jeff (direção). LOVING: Uma História de Amor. Estados Unidos, 2016, 123 minutos. Disponível em: <https://adorocinema.looke.com.br/filmes/loving-uma-historia-de-amor>. Acesso em: 11 jan 2021.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. Mulher negra: afetividade e solidão. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/16794>. Acesso em: 2 set 2019.

RIBEIRO, Stephanie. Tu palmitas, e nós preteridas. A realidade da miscigenação racial afetiva e a estrutural solidão da mulher negra. *Site Alma Preta*. 2004. Disponível em: <https://www.almapreta.com/editorias/o-quilombo/tu-palmitas-e-nos-preteridas>. Acesso em: 05 set 2019

RIBEIRO, Djalma. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: *Companhia das Letras*, 2018.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de fala. São Paulo: *Pólen*, 2019.

ROCHA, Gabriela. Gabyanna, negra e gorda. São Paulo: *Schoba Editora*, 2018.

ROSA, Maristela; RAMUALDO, Natália. Palmitagem, relacionamento inter-racial, solidão da mulher negra e mais. PAPO DE PRETA. Site do YOUTUBE, Publicado em 19 de julho de 2017. Disponível em: <https://youtu.be/Kyf4mEEed9Y8>. Acesso em: 21 set 2019.

RUY, Edvaldo; LOBO, Fernando. A História do Samba “Nega Maluca”. Publicado em 10 de fev. de 2018. Disponível em: <http://eduengler.blogspot.com/2018/02/a-historia-do-samba-nega-maluca.html>. Acesso em: 08 mar 2020.

SANTANA, Andréia. bell hooks: uma grande mulher em letras minúsculas. Publicada em <https://mardehistorias.wordpress.com/2009/03/07/bell-hooks-uma-grande-mulher-em-letras-minusculas/>. Acesso em: 29 jan.2022.

SANT’ANA, Denise Bernuzzi de. História da beleza no Brasil. São Paulo: *Contexto*, 2014.

SOUSA, João da Cruz. 5 obras de Cruz e Souza Poeta Brasileiro (1861-1898). Brasil: Biblioteca Digital Amazon -Versão otimizada de Faróis de Cruz e Sousa. *Livro Póstumo*,1900.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

STANTON, Elizabeth Cady; ANTHONY, Susan B.; GAGE, Matilda Joslyn. História da Mulher Sufrágio. 2ª ed. NY: *Editora Rochester*, 1889.

TIBURI, Marcia. Feminismo em comum: para todas, todes e todos. 1ª ed. Rio de Janeiro: *Rosa dos Tempos*, 2018.

WOLF, Naomi. O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução Aldeã Barcellos. - 1. ed. - Rio de Janeiro: *Rosa dos Tempos*, 2018.

VELOSO, Thassius. Google mostra sexo explícito em busca por 'mulher negra dando aula' Pesquisa por imagens apresenta cenas pornográficas. O mesmo não ocorre quando usuário digita “mulher branca” ou apenas “mulher”. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/10/google-exibe-imagens-de-sexo-explicito-em-busca-relacionada-com-educacao.ghtml>. Acesso em: 27 out 2019.

VICENTE, Juliana. Cores e Botas. Curta-metragem brasileira. 16 minutos. 2010. Disponível em: http://portacurtas.org.br/filme/?name=cores_e_botas. Acesso em: 11 jan 2021.

Recebido em: 01/12/2021

Aprovado em: 20/02/2022